

**UMA ANÁLISE DAS PREPOSIÇÕES COM/JUNTO E ATÉ NA LÍNGUA DE SINAIS
BRASILEIRA: EVIDÊNCIAS DE UM ESTUDO BASEADO EM DICIONÁRIO**

**AN ANALYSIS OF THE PREPOSITIONS COM/JUNTO AND ATÉ IN BRAZILIAN SIGN
LANGUAGE: EVIDENCE FROM A DICTIONARY-BASED STUDY**

**UN ANÁLISIS DE LAS PREPOSICIONES CON/JUNTO Y HASTA EN LA LENGUA DE
SEÑAS BRASILEÑA: EVIDENCIAS DE UN ESTUDIO BASADO EN DICCIONARIO**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-225>

Data de submissão: 22/07/2025

Data de publicação: 22/08/2025

Carine Gurunga de Matos

Doutora em Linguística/UESB

Instituição: Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

E-mail: carine.gurunga@unilab.edu.br

Orcid: orcid.org/0000-0002-4238-9718

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0594503920134298>

Elisângela Gonçalves

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas

Instituição: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: elisangela.silva@uesb.edu.br

Orcid: orcid.org/0000-0003-4958-3553

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5924034966738994>

RESUMO

Este trabalho analisa as preposições COM/JUNTO e ATÉ na Língua Brasileira de Sinais (libras), a partir dos dados do Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mão (Capovilla et al., 2017). Fundamentada na Teoria Gerativa (Chomsky, 1957; 1981), a investigação busca compreender se esses itens desempenham, de fato, a função de preposição na Libras e como ocorre a atribuição de papel temático e Caso nas sentenças em que aparecem. Os resultados indicam que, diferentemente de outros itens classificados como preposição no DLSB, COM/JUNTO e ATÉ assumem efetivamente tal função, participando do licenciamento de Caso e da atribuição de papéis temáticos, ainda que coexistam com estratégias específicas da Libras, como a sintaxe espacial e o uso de classificadores.

Palavras-chave: Caso. Papel Temático. Preposição.

ABSTRACT

This study analyzes the prepositions COM/JUNTO (“WITH/TOGETHER”) and ATÉ (“UNTIL/TO”) in Brazilian Sign Language (Libras), based on data from the Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mão (Capovilla et al., 2017). Grounded in Generative Theory (Chomsky, 1957; 1981), the research investigates whether these items actually function as prepositions in Libras and how thematic role assignment and Case marking occur in sentences where they appear. The results indicate that, unlike other items classified as prepositions in the DLSB, COM/JUNTO and ATÉ indeed fulfill such a function, contributing to Case licensing and thematic role assignment, although they coexist with language-specific strategies in Libras, such as spatial syntax and the use of classifiers.

Keywords: Case. Thematic Role. Preposition.

RESUMEN

Este trabajo analiza las preposiciones CON/JUNTO y HASTA en la Lengua de Señas Brasileña (Libras), a partir de los datos del Diccionario de la Lengua de Señas de Brasil: Libras en Sus Manos (Capovilla et al., 2017). Fundamentada en la Teoría Generativa (Chomsky, 1957; 1981), la investigación busca comprender si estos ítems desempeñan, de hecho, la función de preposición en Libras y cómo ocurre la atribución de papel temático y de Caso en las oraciones en que aparecen. Los resultados indican que, a diferencia de otros ítems clasificados como preposición en el DLSB, CON/JUNTO y HASTA asumen efectivamente tal función, participando en el licenciamiento de Caso y en la atribución de papeles temáticos, aunque coexistan con estrategias específicas de Libras, como la sintaxis espacial y el uso de clasificadores.

Palabras clave: Caso. Papel Temático. Preposición.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é um recorte da tese de doutorado que investiga os sinais classificados como preposição e locução prepositiva no *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mão*s (DLSB) (Capovilla *et al.*, 2017) e nasce do desejo de contribuir para a elaboração de uma gramática descritiva mais aprofundada da Língua Brasileira de Sinais (Libras), reconhecendo que, apesar dos avanços recentes, os estudos sobre categorias gramaticais, especialmente a preposição, ainda são pouco sistematizados. A compreensão do funcionamento das preposições em Libras é fundamental para o desenvolvimento científico da língua e para fortalecer seu reconhecimento acadêmico e social, preenchendo uma lacuna significativa no campo da linguística das línguas de sinais.

Este estudo tem como objetivo analisar se dois dos elementos classificados como preposições no *DLSB* realmente desempenham essa função na Libras, focando na atribuição de papel temático e na checagem de Caso em sentenças que, no português, exigem sintagmas preposicionais. A pesquisa da tese partiu da hipótese de que os elementos analisados não desempenhariam a função de preposição e que a atribuição temática e de Caso ocorreria por outros mecanismos, como a sintaxe espacial. Embora a maioria dos dados confirmem essa hipótese geral, dois destes elementos destoam desse padrão, apresentando, de fato, comportamento compatível com a função preposicional, que são os sinais COM/JUNTO e ATÉ, objetos deste artigo.

O estudo fundamenta-se na Teoria Gerativa e dialoga com pesquisas que apontam para a existência de preposições lexicais e funcionais em Libras, destacando o papel do movimento direcional e dos recursos espaciais na estruturação argumental dessa língua. A análise das sentenças exemplificadas no dicionário visa a contribuir para a compreensão da categoria preposição em libras, ampliando o conhecimento sobre sua gramática e sobre a atribuição de papéis temáticos e Caso nessa língua sinalizada.

Gurunga, Gonçalves e Lessa-de-Oliveira (2023, p. 1), em um estudo preliminar dos dados, apontaram a hipótese “[...] de que a categoria preposicional não ocorre em Libras, e que a checagem de Caso é realizada por outro sistema sem envolvimento de preposição [...]”, salientando, entretanto [...] a necessidade de ampliação dessa pesquisa.”. Dando seguimento à pesquisa, no presente estudo, demonstramos que tal hipótese não pode ser totalmente atestada, visto as preposições analisadas neste artigo, as quais tanto participam do licenciamento de Caso quanto da atribuição de papéis temáticos, ainda que coexistam com estratégias específicas da Libras, como a sintaxe espacial e o uso de classificadores.

2 A FUNÇÃO DA CATEGORIA SINTÁTICA PREPOSIÇÃO NA PERSPECTIVA GERATIVISTA

A estrutura sintática das línguas naturais é descrita pela Teoria Gerativa com base em princípios formais e universais. Dentro dessa abordagem, a noção de categoria sintática desempenha um papel central na organização das frases e na determinação das relações estruturais entre os constituintes. Dentre estas categorias, buscaremos aqui identificar a função da preposição na estrutura argumental e no estabelecimento de relações entre elementos dentro da oração.

Segundo Radford (2004), uma categoria sintática pode ser definida a partir de critérios como: (i) de distribuição, que são os elementos da mesma categoria que compartilham ambientes sintáticos semelhantes; (ii) morfológico, que são os elementos de uma categoria que seguem padrões morfológicos específicos; e (iii) semântico (não definidor) com tendências semânticas associadas a determinadas categorias.

No caso das preposições, a sua categorização tem sido objeto de debate, especialmente em línguas de sinais como a libras, na qual sua realização pode diferir das línguas orais. As preposições estabelecem relações entre constituintes dentro da sentença; tradicionalmente, são descritas como elementos que introduzem complementos e indicam relações espaciais, temporais, causais e outras. No entanto, no Gerativismo, sua função vai além dessas descrições.

Chomsky (1986) e Jackendoff (1977) argumentam que as preposições são responsáveis por estruturar a relação entre argumentos dentro da sentença, muitas vezes, funcionando como atribuidoras de Caso oblíquo a determinados constituintes. Em outras palavras, elas garantem que certos elementos tenham a marcação gramatical necessária para sua interpretação na estrutura sintática. Além disso, estudos como os de Emonds (1985) indicam que as preposições podem exibir propriedades de diferentes categorias sintáticas, aproximando-se, em alguns casos, de verbos ou de advérbios. O autor discute as partículas pós-verbais do inglês, analisando-as como preposições intransitivas. Tais partículas podem preceder ou seguir objetos diretos não pronominais e atuam como advérbios de direção ou, sob uma análise mais detalhada, como preposições. Emonds (1985) também menciona partículas que podem funcionar como elementos direcionais, desempenhando papel semelhante ao de advérbios (como *up* ou *out*) ou de preposições (como *into* ou *out of*). Esse aspecto tem gerado discussões sobre a existência de uma "categoria preposicional" autônoma em certas línguas, um debate que se estende à libras.

No modelo gerativista, uma categoria sintática é definida por sua função estrutural na sentença e pela forma como interage com outros constituintes. Chomsky (1981) propõe que as categorias sintáticas podem ser divididas entre categorias lexicais e categorias funcionais. Estas categorias são

verbos (V), preposições (P), substantivos (N) e adjetivos (A), cuja distinção, segundo Chomsky (1970), baseia-se na combinação de traços binários [+N] e [+V], de modo análogo à composição dos segmentos fonológicos. Assim, o nome é identificado como [+N, -V], o verbo como [+V, -N], o adjetivo como [+N, +V] e a preposição como [-N, -V]. Conforme se observa:

- [+N, -V] → Nome
- [-N, +V] → Verbo
- [+N, +V] → Adjetivo
- [-N, -V] → Preposição

As categorias lexicais incluem substantivos (N), verbos (V), adjetivos (A) e advérbios (Adv), pois carregam significado conceitual. Já as categorias funcionais, como preposições (P), determinantes (D) e complementizadores (C), não possuem um conteúdo lexical pleno, mas desempenham um importante papel na estruturação sintática da sentença. A análise linguística das preposições, sob a ótica gerativista, considera essas unidades como categorias relacionais que frequentemente requerem um complemento. Nesse contexto, as preposições são classificadas como categorias lexicais, ao lado de nomes, verbos e adjetivos, sendo definidas por combinações dos traços [+/- N] e [+/- V] (Chomsky, 1970; 1974). Além do mais, a teoria de Princípios e Parâmetros da gramática gerativa destaca o papel funcional das preposições. Elas são vistas como núcleos de duas naturezas: lexical e funcional (Chomsky, 1981, 1995).

As preposições funcionais têm a função de realizar a seleção categorial de seus argumentos (c-seleção), sem atribuir papel temático a eles (s-seleção). Em contrapartida, as preposições lexicais não apenas c-selecionam seus complementos, mas também os selecionam semanticamente, conferindo-lhes um papel temático (Mioto, Figueiredo Silva e Lopes, 2013).

De acordo com Brito (2003), as preposições, em português, podem ser classificadas em três grupos distintos, de acordo com suas funções temáticas e semânticas. O primeiro grupo (tipo i) é composto por preposições que marcam papel temático em conjunto com outros predicadores. Nesses casos, a preposição estabelece uma relação sintática com um verbo ou outro predicator, contribuindo para a atribuição de papel temático ao complemento que a segue. Um exemplo dessa construção pode ser observado em “Ele foi a Lisboa”, em que a preposição “a” não atua isoladamente, mas em associação com o verbo “foi”, indicando o destino da ação.

O segundo grupo (tipo ii) abrange preposições que, por si sós, atribuem um papel temático ao seu complemento, sem a necessidade de um predicator adicional, pois possuem um valor semântico próprio, como ocorre na posição de predicativo do sujeito no exemplo apresentado pela própria autora: ‘O Presidente está em Díli.’ (Brito, 2003, p. 400), aqui, a preposição *em* não está apenas marcando uma

relação gramatical abstrata, mas expressa um lugar, ou seja, um significado lexical pleno, atuando, portanto como um predicador, ao tempo em que atribui papel temático de local ao complemento *Díli*.

Por fim, há as preposições que desempenham a função de marcadoras de Caso, estabelecendo a relação gramatical ou sintática que um substantivo ou pronome assume dentro da estrutura da oração. Essas preposições (do tipo iii) auxiliam na determinação do papel sintático do complemento em relação ao verbo, como se observa no exemplo *o pai da Ana* (Brito, 2003, p. 402), em que a preposição exerce o papel de marcar o argumento *Ana* com Caso genitivo. Dessa forma, a categorização proposta por Brito (2003) permite compreender a diversidade funcional das preposições no português, demonstrando seu papel na organização sintática e semântica da língua (Brito, 2003).

A categorização das preposições como elementos lexicais e/ou funcionais, entretanto, não é consensual entre os estudiosos. Berg (1998) argumenta que as preposições devem ser tratadas, predominantemente, como categorias funcionais. Sua análise se fundamenta no pressuposto gerativista de que o núcleo de toda projeção é funcional (Fukui, 1986; Fukui; Speas, 1986), levando-a a questionar a hipótese de que as preposições seriam lexicais. A testagem dessa hipótese pela autora revela que as preposições não apresentam as propriedades típicas das categorias lexicais, o que a leva a concluir que sua natureza categorial é funcional.

Essa conclusão se baseia no fato de que as preposições pertencem a uma classe fechada, possuem um conteúdo semântico de segunda ordem, não atribuem papel temático e desempenham funções gramaticais, como a atribuição de Caso. Além disso, Berg (1998) destaca a falta de fronteiras nítidas entre preposições e outras categorias, como advérbios, complementizadores e nomes, o que reforça sua classificação funcional. A autora também observa que a ausência de contraste sintático quando a preposição é suprimida em determinadas construções sugere que ela não desempenha uma função na atribuição de papéis temáticos ao nome que acompanha.

Berg (1998) propõe a divisão das preposições do português brasileiro em duas subclasses: (a) as que possuem mais de um significado, como *a*, *com*, *de*, *em*, *para*, *por*, *sobre*, e (b) as que apresentam apenas um significado, como *ante*, *após*, *até*, *contra*, *desde*, *entre*, *perante*, *sem*, *sob*. No primeiro grupo, seguindo Cunha (1986), cada preposição teria um sentido fundamental aplicável aos campos espacial, temporal e nocional; contudo, a autora argumenta, com base em testes sintáticos, que o sentido nem sempre é inerente à preposição, mas sim ao verbo. Em “Voltei a Ouro Preto” (Berg, 1998, p. 115), por exemplo, o movimento decorre do verbo ‘voltar’ e não da preposição, o que se confirma ao substituir o verbo: “O prefeito pagou a Ouro Preto” (Berg, 1998, p. 115), onde o sentido de movimento desaparece. De forma semelhante, em “Deu ao Pedro e Doação ao Pedro” (Berg, 1998, p. 115), o sentido de benefactivo provém do verbo ‘dar’, evidenciado pela mudança semântica quando o

verbo é trocado: “obedeceu ao Pedro/obediência a Pedro” (Berg, 1998, p. 115). Outra característica dessas preposições é a impossibilidade de ocorrerem no final da sentença, como demonstram “Maria falou com.”, “Voltei a.” e “Pedro pensou em.” (Berg, 1998, p. 115); por isso, a autora conclui que elas apresentam um valor semântico de segunda ordem, contribuindo para a interpretação do complemento, mas não sendo responsáveis pelo seu sentido principal. Já no segundo grupo, as preposições mantêm sempre a mesma relação semântica independentemente do contexto, ‘contra’ expressando oposição e ‘sem’ indicando ausência ou subtração, e podem ocorrer no final da sentença, como em “Maria lutou a favor dos comunistas/Pedro lutou contra.” e “Maria caminhou com o lenço/Pedro caminhou sem.” (Berg, 1998, p. 115).

Ainda que reconheça a existência de preposições com alguma carga semântica, Berg (1998) as caracteriza como portadoras de um significado secundário, o que as distingue das categorias lexicais plenas. Algumas preposições, como "a", "com", "de", "em", "para", "por" e "sobre", podem ser consideradas verdadeiras preposições por seu papel estruturante na frase, mas seu comportamento híbrido sugere a coexistência de traços lexicais e funcionais dentro da classe preposicional. Dessa forma, a autora reforça a ideia de que as preposições, em sua maioria, devem ser compreendidas como categorias essencialmente funcionais.

A estrutura das línguas varia amplamente, e nem todas as categorias sintáticas tradicionais das línguas indo-europeias são universais. Estudos em tipologia linguística têm demonstrado que algumas línguas não apresentam categorias gramaticais específicas, como artigos, preposições ou mesmo categorias verbais e nominais bem delimitadas. A ausência de certas categorias desafia noções tradicionais da gramática universal e levanta questões sobre a aquisição da linguagem e a cognição linguística. A categoria de preposição, essencial para a estrutura sintática de muitas línguas, não está presente em algumas outras, sendo substituída por diferentes estratégias morfossintáticas. Algumas línguas preferem o uso de posposições, afixos ou construções verbais para expressar relações espaciais, temporais ou causais. Para exemplificar temos a língua Straits Salish, pertencente à família Salish, falada na região da Colúmbia Britânica e do estado de Washington. De acordo com Jelinek e Demers (1994), essa língua não possui preposições independentes; em vez disso, utiliza partículas ou incorpora relações espaciais diretamente no verbo. Outro exemplo que também podemos lançar mão é o mandarim que embora possua elementos funcionais que desempenham um papel semelhante ao de preposições, muitos estudiosos argumentam que esses elementos funcionam mais como verbos ou advérbios do que como preposições no sentido tradicional (Li e Thompson, 1981).

A visão tradicional dentro da Gramática Universal (Chomsky, 1981) postula que todas as línguas compartilham um conjunto de categorias fundamentais, no entanto a existência de línguas sem

preposições sugere que certas categorias podem ser mais flexíveis do que se imaginava. Conforme sugerido por Dryer (2007), categorias como 'preposição' podem ser reconstruídas como domínios funcionais que se manifestam de maneira diversa nas línguas do mundo, variando entre morfemas livres, afixos ou construções verbais.

3 A OCORRÊNCIA DAS PREPOSIÇÕES NA LIBRAS

Segundo uma abordagem gerativista, nas línguas naturais, preposições existem por uma razão funcional: participam da marcação de Caso¹. Assim, alguns trabalhos apontam para a existência de preposições em línguas sinalizadas, levantando hipóteses que vão no sentido de que haveria, em línguas como a libras, pelo menos preposições lexicais, nesse sentido, vale destacar que Mesquita (2008) menciona que as preposições ocorrem preferencialmente em contextos de preposições lexicais. Fora do âmbito gerativista, Lira e Souza (2001) apresentam a ocorrência das seguintes preposições em libras: *até, após, contra, para, sem, sob, sobre*; Fernandes (2003) identifica as seguintes: *após, até, com, em, para, sem, sob, sobre*; Monteiro (2019), por sua vez, apresenta um trabalho sobre as preposições *sobre* e *contra* e Capovilla *et al.* (2017) apontam 39 sinais categorizados como preposição, os quais serão abordados no decorrer de todo este trabalho. Esses resultados convergem com os dos trabalhos gerativistas no sentido de que essas são preposições lexicais (segundo a abordagem da Gerativa).

Mesquita (2008) discute a possibilidade de as preposições em libras ocorrerem em contextos correspondentes aos das preposições lexicais em português. A pesquisadora analisa a interferência da libras na interlíngua dos surdos aprendizes de português como L2, considerando, em particular, a ocorrência de preposições. A análise toma por base a hipótese do acesso parcial à Gramática Universal partindo da dificuldade de definição desse termo nas línguas orais, a autora adota critérios como a atribuição de Caso e a função relacional para identificar preposições. A análise foca na ocorrência do item lexical JUNTO, que se assemelha à preposição “com”, em construções com movimento direcional como em: “VIR JUNTO_LUGAR BO@ COMIDA GOSTOS@.” (Mesquita, 2008, p. 70) (Tradução: Venha junto comigo a um lugar bom onde tem comida gostosa) e em “PESSOA JUNTO_NADA. SOZINHO.” (Mesquita, 2008, p. 70) (Tradução: Ninguém vai junto comigo. Vou sozinho). A autora constata que esse item pode ocorrer com complemento expresso ou nulo e que sua transitividade está ligada à presença de uma preposição nula (*dummy*) que licencia o complemento. Além disso, mostra que o movimento direcional em libras funciona como preposição, marcando relações argumentais e atribuindo Caso, de forma semelhante à preposição “para” no português.

¹ Vale lembrar que as preposições lexicais são atribuidoras de papel temático.

Conclui, assim, que libras possui a categoria preposição, expressa por meio de elementos nulos ou morfemas incorporados ao movimento, ainda que sejam necessárias mais pesquisas para confirmar a existência de preposições lexicais nessa língua.

Lessa-de-Oliveira (2023) comprehende que o sistema de Caso em libras revela-se como parte de um mecanismo universal das línguas naturais, baseado em estruturas argumentais e marcado por uma organização sintática que, embora modulada pela modalidade gesto-visual, não infringe os princípios da Gramática Universal. Mesmo em sentenças não lineares (tratamos da tridimensionalidade da língua de sinais na seção 4), os efeitos da modalidade visual-espacial se fazem presentes sem comprometer a estrutura argumental subjacente. A marcação de Caso oblíquo, por exemplo, pode ser observada na forma como a preposição “sobre” é realizada em libras na seguinte sentença: “MESA COLOCAR COLOCAR COLOCAR” (Lessa-de-Oliveira, 2023, p.149) (Tradução: Sobre a mesa, distribuiu-se um copo à esquerda, um no meio e outro à direita.) A autora exemplifica que a posição da mesa no espaço de sinalização atua como suporte imagético sobre o qual os copos se distribuem, substituindo, desse modo, a preposição verbalizada. Além disso, a autora comenta que os adjuntos espaciais como “à esquerda”, “à frente” ou “à direita” também são expressos por meio de recursos espaciais, a partir do traço direcional do movimento do verbo em combinação com pontos específicos sobre essa mesa imaginária, reforçando a codificação argumental por meios visuais e espaciais. Lessa-de-Oliveira (2023) embasa seus exemplos em Mesquita (2019, p. 119) que assume “que o movimento direcional DIR é entendido como um predicado espacial para a marcação de Caso dativo, assim como a preposição ‘para’ do PB”.

Calixto; Salles (2018), e Calixto (2019) investigam a realização morfossintática de argumentos locativos na Língua de Sinais Brasileira (LSB²) em comparação com o português brasileiro (PB), com ênfase no uso de preposições na interlíngua de aprendizes surdos que adquirem o português escrito como segunda língua (L2). Os estudos partem da hipótese de interferência da LSB, língua primeira (L1) dos participantes, considerando que esses aprendizes têm acesso parcial à Gramática Universal (GU) para aquisição da L2. As análises focam estruturas com verbos direcionais e de movimento (Ex.: ‘não pode ir para a escola, filho’ (Calixto, 2019, p. 88)), observando como, na LSB, o movimento e o uso do espaço de sinalização cumprem funções que, no português, são atribuídas ao verbo e às preposições. As pesquisas evidenciam que, enquanto, em português, a trajetória é indicada pela combinação entre verbo e preposição (como “em”, “para”, “de”), na LSB, ela é expressa pela direção, orientação e forma do movimento nos sinais. As autoras afirmam que a ausência ou uso inadequado de preposições (no português escrito), especialmente em locuções prepositivas com “de”, é um dos

² Optamos por manter a nomenclatura que as autoras utilizam para se referir à libras.

indícios de transferência linguística da L1 para a L2, destacando os desafios morfossintáticos enfrentados por surdos no processo de aquisição da escrita da língua portuguesa.

4 OS SINAIS-VERBETES DO DLSB

A fim de verificar se os itens selecionados assumem, em libras, o papel de preposição, realizamos a coleta dos sinais e das frases exemplificadas no DLSB, em seguida foi realizada a tradução dessas frases para a língua de sinais. De acordo com os autores do DLSB, o dicionário é fruto de vastas pesquisas realizadas na área de lexicografia da libras. Nele são apresentados:

[...] 4.) A classificação gramatical do(s) verbete(s) em Português correspondente(s) ao sinal;
5.) De um a três exemplos do uso funcional adequado de cada verbete em Português em frases bem formadas; (Capovilla, 2017, p.21)

Não há menção sobre categorização gramatical dos itens lexicais em libras, muito provavelmente, porque ainda não há definição das classes gramaticais nessa língua. O que há no dicionário é a categoria dos verbetes em língua portuguesa que, conforme os autores, “[...] permite ao surdo compreender o comportamento das palavras do Português e aprender a usá-las corretamente” (Capovilla, 2017, p. 35).

As traduções para libras se justificam pela busca por uma descrição da libras a partir de sua própria gramática, evitando a transposição de categorias do português e focando em uma análise interna da língua de sinais. Esse processo de tradução foi feito com base em critérios de equivalência semântica e sintática, respeitando as particularidades estruturais e discursivas da libras. As traduções buscaram refletir, com fidelidade, a organização argumental expressa nos enunciados em português, possibilitando uma análise comparativa.

Além das traduções para língua portuguesa, transcrevemos os dados deste trabalho utilizando a escrita Sel, um sistema de escrita para libras, de autoria de Lessa-de-Oliveira (2012), em sua versão atual publicada em Lessa-de-Oliveira (2023). A escrita Sel é um sistema linear, não-logográfico, cujos caracteres (e diacríticos) representam os traços fonológicos distintivos na articulação do sinal. Os caracteres desse sistema são formados a partir do que Lessa-de-Oliveira (2012) identifica como três macrossegmentos (mão, locação e movimento), os quais formam unidades denominadas como MLMov. Os itens lexicais da libras são articulatoriamente constituídos pelas unidades MLMov, e o sistema Sel foi elaborado com base nessa unidade³. A eleição desse sistema de escrita se justifica, pois, conforme Gurunga (2020), a escrita Sel tem se mostrado bastante eficaz na representação dos traços

³ Para conhecer mais sobre a Sel, ver Lessa-de-Oliveira (2023).

articulatórios dos sinais. Ao utilizar a escrita da própria língua em análise, é possível garantir uma abordagem mais fiel à sua estrutura e funcionamento interno. Esse procedimento reduz a influência de modelos baseados em línguas orais, como o português, cuja natureza difere significativamente das línguas de sinais.

5 ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DO SINAL *COM/JUNTO*

Figura 1: Sinal em Libras para *COM/JUNTO*



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 618

com

LP.: Hoje vou ao comício com você. (Capovilla *et al.*, 2017, p. 618)
 Libras: HOJE (EU) |ir| COMÍCIO POLÍTIC|o| (JUNT|o/amente) VOCÊ.
 ou
 HOJE NÓS^DOIS |ir| COMÍCIO POLÍTICO.

Sel:

A sentença “Hoje vou ao comício com você” apresenta uma estrutura sintática organizada em torno do verbo “vou”, que é a forma flexionada de “ir” no presente do indicativo (indicando futuridade) e funciona como núcleo do predicado. O sujeito é elíptico (ou desinencial), identificado a partir da desinência verbal de primeira pessoa do singular, referindo-se a “eu”. O advérbio “hoje” atua como adjunto adverbial de tempo, estabelecendo a circunstância temporal da ação expressa pelo verbo. O sintagma preposicional “ao comício” funciona como complemento locativo do verbo “ir”, indicando o destino do deslocamento. A preposição “a” seleciona o argumento DP “o comício”, que recebe Caso oblíquo da preposição e papel temático meta (ou alvo) do nome.

O sintagma preposicional “com você” atua como adjunto adverbial de companhia, introduzindo um participante adicional na ação; “você” recebe Caso oblíquo da preposição “com”. Quanto à atribuição de papéis temáticos, o sujeito elíptico “eu” recebe o papel agente, pois é o controlador da ação (Halliday, 1967). O complemento locativo “ao comício” recebe o papel de meta, enquanto “com você” introduz um coparticipante na ação, recebendo um papel temático de companhia. A análise evidencia como a preposição “com” opera tanto no nível sintático, ao reger um complemento, quanto no nível semântico, ao estabelecer a relação de companhia entre os participantes da sentença. A preposição, nesse caso, é lexical (tipo (ii) de Brito (2003)).

A tradução da frase “Hoje vou ao comício com você”, em libras, apresenta duas possibilidades: (1) HOJE (EU) |IR| COMÍCIO POLÍTICO (JUNTO) VOCÊ e (2) HOJE NÓS^DOIS |IR| COMÍCIO POLÍTICO. Ambas as estruturas expressam a mesma informação central, mas revelam diferentes estratégias sintáticas e discursivas utilizadas em libras para representar a noção de companhia, que, no português, é realizada pela preposição “com”. Na primeira tradução, o sinal “JUNTO” aparece como equivalente da preposição “com”, semelhante ao que ocorre no português, sendo responsável por atribuir Caso oblíquo a “VOCÊ”. O sintagma “COMÍCIO POLÍTICO” atua como complemento locativo do verbo “IR”, e “VOCÊ” é um elemento adjunto que recebe o papel temático de companhia. O uso do sinal “JUNTO” nesse contexto cumpre uma função análoga à da preposição ‘com’ da sentença em português ao conectar “VOCÊ” ao restante da sentença, reforçando a interpretação de que há mais de um participante no deslocamento.

Já na segunda tradução, “NÓS^DOIS” incorpora a noção de companhia diretamente na estrutura pronominal, tornando desnecessária a presença do sinal “JUNTO”. Em libras, o pronome “NÓS^DOIS” já codifica a informação de que os dois sujeitos envolvidos realizam a ação juntos, sem a necessidade de um marcador adicional para indicar companhia. Esse fenômeno demonstra uma característica fundamental da libras: a capacidade de integrar informações que, em português, exigiriam conectivos, como preposições. Esse tipo de estrutura evidencia que, em algumas situações, um sinal como “JUNTO” pode ser dispensável sem comprometer a gramaticalidade da sentença.

No que diz respeito à atribuição de papéis temáticos, nas duas versões em libras, os participantes mantêm seus papéis temáticos equivalentes aos do português. O sujeito (seja “EU” elíptico ou “NÓS^DOIS”) recebe o papel de agente, pois é a entidade causadora da ação. “COMÍCIO POLÍTICO” mantém o papel de meta ou localização, indicando o destino da ação, e “VOCÊ” (na primeira sentença) ou a informação incluída em “NÓS^DOIS” (na segunda) recebe o papel temático de companhia.

Em libras, a relação de coparticipação pode ser marcada por outros meios, como o uso de pronomes inclusivos (NÓS^DOIS, NÓS^TRÊS), ou a sintaxe espacial (colocando os participantes no mesmo espaço de referência). Essa análise demonstra que a gramática da libras opera de forma diferente da do português na marcação de relações sintáticas e semânticas, permitindo um menor uso de itens, sem comprometer, todavia, a clareza do enunciado. Assim, a preposição “com” que, no português, tem um papel importante na regência e no Caso, pode não encontrar um equivalente obrigatório em libras, sendo substituída por diferentes estratégias discursivas e sintáticas, como a incorporação da companhia diretamente no pronome. Por outro lado, a alternância das duas estruturas também ocorre no português (e em muitas línguas). Parece uma característica da semântica deste item.

6 ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA DO SINAL ATÉ

Para o verbete ATÉ, o DLSB apresenta duas variantes, observemos as análises de cada uma delas:

Figura 2: Sinal em Libras para ATÉ



Fonte: Capovilla *et al.*, 2017, p. 319

ou

até (1);

Ex.: Li o livro até a página 43. (Capovilla *et al.*, 2017, p. 319)

Libras: EU L|er| LIVRO ATÉ NÚMERO 4-3.

Sel:

Ao realizar uma análise morfossintática da frase em português ‘Eu li o livro até a página 43’, pode-se observar que a preposição ‘até’ é usada para demarcar um limite ou ponto final da ação descrita pelo verbo “li”. Ela indica que a ação de leitura se estendeu até a página 43, delimitando até onde a leitura foi realizada. O DP "a página 43" é argumento da preposição "até", com a qual constitui um adjunto adverbial de lugar; assim, a preposição, além de atribuir Caso oblíquo a seu complemento, sendo de natureza lexical, atribui-lhe papel temático locativo. Ainda, o sujeito "eu" recebe Caso nominativo da flexão verbal e papel temático experienciador do verbo “ler”, o argumento interno (objeto direto) "o livro" recebe Caso acusativo e papel temático Tema do verbo.

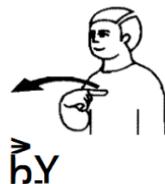
Em libras, a frase fica organizada da seguinte maneira:

EU LIVRO L|er| ATÉ NÚMERO 4-3.

Aqui, nesse caso, a frase parece se estruturar de forma muito semelhante à sentença em português, o sinal ATÉ está funcionando como elemento que atribui papel temático locativo e Caso oblíquo ao DP NÚMERO 4-3, delimitando a ação da leitura. Em libras, a frase correspondente "EU LIVRO L|er| ATÉ NÚMERO 4-3" apresenta uma inversão na ordem do verbo e do objeto. O pronome "EU" atua como sujeito, o sinal "LIVRO" funciona como objeto direto, e o verbo "L|er|" é o núcleo verbal da oração. O sinal "ATÉ" mantém a função de indicar o limite da ação. O sinal "NÚMERO 4-3" complementa a ideia de limite. Em português, a preposição "até" estabelece uma ligação entre o

verbo e o limite da ação, exigindo a presença de um artigo definido para introduzir o argumento interno da preposição; em libras, o sinal "*ATÉ*" cumpre essa função; nesse caso, a marcação do limite é reforçada pelo posicionamento sequencial dos sinais.

Apesar de, em libras, o sinal "*ATÉ*" ser realizado de forma fonética e desempenhar a função de indicar o limite da ação expressa pelo verbo "*L|er|*", o que assemelha seu comportamento ao da preposição "até" em língua portuguesa, desempenhando um papel relacional. Para determinar se esse sinal pode ser considerado uma preposição em libras, é necessário analisar tanto seu papel sintático quanto suas características morfológicas. Sintaticamente, o sinal "*ATÉ*" atua como um conector que introduz o complemento "*NÚMERO 4-3*", funcionando de maneira análoga à preposição em português ao marcar o ponto final da ação. Morfologicamente, diferentemente das preposições do português, que são invariáveis e frequentemente contraídas com artigos, o sinal em libras é independente e não se combina com outros sinais.



até (2)

LP: O livro deverá ficar pronto até o mês de março. (p. 319)

Libras: LIVRO PRONTO MÊS MARÇO.

O sujeito da oração em português é “O livro”, um sintagma determinante que recebe papel temático Tema, em uma estrutura de *Small Clause*, na qual o predicativo “pronto” é o predicador que seleciona “O livro” como seu argumento, já o verbo “ficar” não possui propriedade para tal. Como nas outras frases analisadas, o sujeito recebe Caso nominativo da flexão. O predicativo do sujeito é “pronto”, um adjetivo que qualifica o estado em que o livro deve se encontrar.

A locução prepositiva “até o mês de março” funciona como adjunto adverbial de tempo, estabelecendo um limite temporal para a realização do evento expresso na sentença. A preposição “até” marca um ponto limite no tempo, diferentemente de preposições como “em” ou “durante”, que indicam apenas a localização temporal. Morfossintaticamente, “até” seleciona o sintagma determinante “o mês de março”, ao qual atribui Caso oblíquo. O determinante “o” confere definitude ao nome “mês”, enquanto “de março” forma um sintagma preposicionado que restringe a referência temporal, funcionando como complemento nominal do núcleo “mês”, a preposição “de” é introduzida no sintagma para atribuição de Caso genitivo a “março”, pois é o nome (mês) que lhe atribui papel temático.

Na sentença em libras “LIVRO PRONTO MÊS MARÇO”, o sintagma nominal (dominado por um sintagma determinante) “LIVRO” desempenha a função de sujeito da sentença, correspondendo ao sintagma determinante “O livro” do português. As atribuições de papel temático e de Caso para os DPs “LIVRO” e “MÊS MARÇO” ocorrem da mesma maneira que em português. A sequência “MÊS MARÇO” corresponde ao adjunto adverbial de tempo “até o mês de março” em português, o sinal correspondente a ‘até’, apontado no dicionário, é dispensável nessa sentença. A ideia de ação, nesse caso, parece estar sendo expressa através do sinal “PRONTO”, que é quem atribui papel temático Tema e Caso nominativo ao DP LIVRO, e pode ser interpretado como ‘ficar pronto’ ou ‘acabar’.

Consideramos que o sinal “ATÉ” merece investigações mais aprofundadas. Até o momento, levantamos a hipótese é de que ele possa, em determinados contextos, funcionar como uma preposição; no entanto, pode tratar-se, possivelmente, de uma transposição da língua portuguesa para a libras, o que requer uma análise mais cuidadosa quanto à sua origem, uso e função sintática na estrutura da língua de sinais. Nesse sentido, concordamos com a análise Calixto (2019):

Segundo Fernandes (2003, apud Mesquita & Salles (2010), p. 165), no entanto, esses sinais parecem ser uma influência do português sinalizado (um sistema de comunicação artificial que utiliza os sinais da LSB com a estrutura do português). Fernandes (2003) afirma que os surdos utilizam esses sinais somente quando se comunicam com ouvintes. [...] Conforme Mesquita; Salles (2010, p. 166), “tais sinais [‘até’, ‘com’, ‘contra’, ‘para’, ‘sem’, ‘sob’, ‘sobre’] parecem ocorrer exatamente nos contextos correspondentes ao das preposições lexicais do português. Caracterizam-se por apresentar autonomia semântica e por selecionar o argumento na posição de complemento. Isto não significa, contudo, que todas as preposições lexicais que não possuem um sinal correspondente – como na configuração que corresponde à semântica de instrumento. Diferentemente, as preposições gramaticais do português não possuem correlato em LSB. No entanto, outros recursos morfológicos (como o movimento, por exemplo) podem ser utilizados para substituí-las. (Calixto, 2019, p.57)

7 CONCLUSÃO

Este artigo apresenta um recorte de uma tese que investigou 39 sinais classificados pelo *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mãos* (DLSB) como preposições ou locuções prepositivas. A análise evidenciou que, entre os itens examinados, destacam-se os sinais COM/JUNTO e ATÉ, que, diferentemente dos demais, demonstraram atuar efetivamente como preposições em libras, exercendo funções de atribuição de Caso e de papel temático.

Determinados itens lexicais que estabelecem relações espaciais introduzem dois sintagmas determinantes (DPs), os quais se vinculam semanticamente por meio de uma configuração relacional. Esses DPs podem ser interpretados, do ponto de vista semântico, como “Figura” e “Fundo” ou, nos termos da teoria temática, como, respectivamente, “Tema”, a entidade cuja localização ou posição está sendo especificada, e “Locativo”, a entidade de referência que serve como ponto de ancoragem espacial. Sob uma perspectiva gerativa, independentemente da ordem linear dos constituintes na

superfície, esses dois argumentos são projetados em uma estrutura hierárquica, em que cada um ocupa uma posição sintática específica dentro da projeção máxima do item relacional (seja ele uma preposição, marcador espacial ou outro elemento equivalente). Nessa organização, o DP que corresponde à “Figura” tende a ocupar uma posição mais alta na estrutura sintática, enquanto o DP associado ao “Fundo” ou “Locativo” é selecionado diretamente pelo núcleo relacional. Esse arranjo evidencia que a relação semântica de localização se reflete formalmente em uma configuração sintática estruturada, que pode apresentar variações entre línguas orais e de sinais, mas que preserva princípios organizacionais semelhantes.

O fato de apenas dois itens terem se enquadrado como verdadeiras preposições em libras, mesmo em um sistema que recorre amplamente a estratégias alternativas de licenciamento do caso oblíquo, levanta questões cruciais sobre o papel e a motivação funcional dessas formas na língua. Investigar por que justamente esses elementos persistem como preposições, enquanto outros desempenham funções distintas, pode abrir caminhos promissores para compreender não apenas a organização interna da libras, mas também padrões mais amplos de variação e permanência de categorias gramaticais nas línguas de sinais.

Os resultados desta pesquisa lançam luz sobre as preposições em libras, especialmente no que se refere à forma como esses elementos têm sido apresentados em obras de referência como o *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em Suas Mão*s. Ao promover uma análise crítica dessas ocorrências, este trabalho pretende contribuir significativamente tanto para o aprimoramento de dicionários já existentes quanto para a elaboração de novos materiais com um novo olhar sobre a estrutura gramatical da libras. Ademais, os dados e análises aqui desenvolvidos oferecem subsídios relevantes para a sistematização das categorias sintáticas da língua de sinais brasileira, favorecendo a construção de uma gramática descritiva que reflita, com maior precisão, o funcionamento linguístico dessa língua. Nesse sentido, este estudo reafirma o compromisso com a valorização e o reconhecimento da libras como língua plena, contribuindo não apenas para o avanço científico na área dos estudos linguísticos, mas também para o fortalecimento de políticas educacionais e culturais voltadas à comunidade surda.

REFERÊNCIAS

- BERG, M. B. A natureza categorial da preposição. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.107-124, jan./jun. 1998.
- BRITO, A. M. Categorias Sintáticas. In: MATEUS, M. H. M et al. Gramática da Língua Portuguesa. Caminho - Lisboa, 2003, p. 323-433.
- CALIXTO, S. Sintagmas locativos na Língua de Sinais Brasileira: efeito de modalidade na aquisição de português (L2) escrito por surdos. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2019.
- CALIXTO, S. S. F.; SALLES, H. M. L. Argumentos locativos em estruturas com verbos de movimento na Língua de Sinais Brasília. *Polifonia*, 25 (38.1), p. 164-173, 2018a.
- CAPOVILLA, F. C. et al. Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos. São Paulo: EDUSP. 2017.
- CHOMSKY, Noam. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Ed.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham, MA: Ginn and Company, 1970. p. 184–221.
- CHOMSKY, N. Lingüística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes; São Paulo: EdUSP, 1972.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. Filters and control. *Linguistic Inquiry*, v. 8, n. 3, p. 425–504, 1977.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Holland, Cinnaminson: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger Publishers, 1986.
- CHOMSKY, N. *Minimalist Program*. Cambridge, Mass, London: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. *Minimalist Program*. Edição comemorativa de 20 anos. Organização de Howard Lasnik. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2015. Publicado originalmente em 1995. ISBN 978-0-262-32728-2
- CHOMSKY, N. Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas. Tradução Lúcia Lobato. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.
- CUNHA, C. F. *Gramática da Língua Portuguesa*. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.
- EMONDS, Joseph E. *A unified theory of syntactic categories (Studies in Generative Grammar 19)*. Dordrecht: Foris Publications, 1985. iv, 356 p.
- FERNANDES, E. *Surdez e Linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FUKUI, N.; SPEAS, M. Specifiers and projection. In: Papers in Theoretical Linguistics. Vol. 8, p. 128-172, 1986.

FUKUI, N. A theory of category projection and its applications. Tese de doutorado, MIT, Cambridge, Mass, junho de 1986.

GURUNGA, C. M. Consciência Sintática da Libras em Falantes Surdos e Ouvintes. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Vitória da Conquista. 2020.

GURUNGA DE MATOS, C.; GONÇALVES, E.; LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Haveria Categoria Preposicional na Libras? Would There be a Prepositional Category in Libras?. Revista Cocar, [S. l.], v. 19, n. 37, 2023. Disponível em:
<https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7759>. Acesso em: 29 mar. 2025.

HALLIDAY, M. A. K. Intonation and grammar in British English. The Hague: Mouton, 1967. 62 p. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0022226700002292>. Acesso em: 25 mar. 2025.

JACKENDOFF, R S. Semantic interpretation in generative grammar. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1972.

JELINEK, E & DEMERS, R.A. (1994). Predicates and Pronominals in Straits Salish. Language, 70, 697-736.

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. Revel, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].

LESSA-DE-OLIVEIRA, A. S. C. Por uma modalidade escrita da Libras: estrutura frasal e sinalização, a estrutura fonológica do sinal e a escrita Sel. 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, Coleção Linguística em Rede, v. 9, 2023.

LI. C., & Thompson, S. (1981). Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar. Berkeley, CA: University of California Press.

LIRA, G. A.; SOUZA, T. A. F. Dicionário digital da Língua Brasileira de Sinais. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 2001.

MESQUITA, A. C. R. A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2). 2008. 118 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

MESQUITA, A. C. R. Estruturas dativas do português (l2) na interlíngua de surdos, 2019, 281f. Tese (Doutorado em Linguística) Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2019.

MESQUITA, A. C. R.; SALLES, H. M. M. L. Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua dos surdos aprendizes de português L2. In: SALLES, H. M. M. L.; NAVES, R. R.(Orgs.) Estudos Gerativos de Língua de Sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos. Goiânia: Cânone, 2010, p. 157 a 185.

MIOTO, C.; SILVA M. C. F.; LOPES, R. E. V. Novo Manual de Sintaxe. - São Paulo: Contexto, 2013.

MONTEIRO, M. S. Variação Linguística em Preposição na Libras: O Caso dos Sinais “Sobre” e “Contra” nos Níveis Léxico e Fonológico. INES. Revista Espaço. Rio de Janeiro, nº 51. jan-jun, 2019. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/607>. Acesso em 29 dez. 22.